



Julia Quinn

*História de
um grande amor*

TRILOGIA BEVELSTOKE 1



Título original: *The Secret Diaries of Miss Miranda Cheever*
Copyright © 2007 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva
preparo de originais: Marina Góes
revisão: Hermínia Totti e Livia Cabrini
diagramação: Adriana Moreno
capa: Emma Graves / LBBG
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
ilustrações de capa: Yoco / Dutch Uncle
impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64h Quinn, Julia
História de um grande amor/ Julia Quinn; tradução Thaís Paiva. São Paulo: Arqueiro, 2020.
288 p.; 16 x 23 cm. (Bevelstoke; 1)
Tradução de: The secret diaries of miss Miranda Cheever
ISBN 978-85-306-0108-9

1. Ficção americana. I. Paiva, Thaís. II. Título. III. Série.

19-61122

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Prólogo

Aos 10 anos, Miranda Cheever não dava o menor sinal de que seria uma beldade. Seus cabelos eram castanhos – lamentavelmente –, assim como os olhos, e as pernas, peculiarmente longas, recusavam-se a aprender qualquer movimento que chegasse perto de ser gracioso. Sua mãe, com certa frequência, observava que ela percorria a casa a meio galope.

Para infelicidade de Miranda, a sociedade em que nascera dava demasiada importância à aparência feminina. E, embora ela só tivesse 10 anos, já entendia muito bem que, naquele aspecto, era considerada inferior à maioria das meninas que moravam nas redondezas. Crianças sempre dão um jeito de aprender certas coisas, em geral através de outras crianças.

Foi justamente assim que ocorreu um incidente deveras desagradável na comemoração do 11º aniversário de lady Olivia e do honorável Winston Bevelstoke, gêmeos do conde e da condessa de Rudland. Miranda morava bem perto de Haverbreaks, a propriedade ancestral dos Rudlands próxima a Ambleside, na região da Cúmbria, e sempre assistia às aulas junto com Olivia e Winston quando os dois estavam naquela residência. Haviam se tornado um trio inseparável que quase nunca se dignava a ir brincar com as outras crianças da região, que moravam a cerca de uma hora de distância.

Mas umas dez vezes por ano, geralmente em aniversários, todas as crianças da nobreza e da aristocracia local se reuniam. E foi por isso que lady Rudland soltou um grunhido nada feminino: a festa de aniversário dos gêmeos, que deveria ser no jardim, acabara de ser interrompida pela chuva e, naquele momento, dezoito pestinhas com os pés cobertos de lama corriam pelo salão.

– Livvy, você está com o rosto sujo de lama – comentou Miranda, estendendo a mão para limpar.

Olivia soltou um suspiro dramático e entediado.

– Então é melhor que eu vá me limpar. Não quero que mamãe me veja assim. Ela acha sujeira deplorável, e eu acho deplorável ter que ouvir suas reclamações sobre como ela acha a sujeira deplorável.

– Não vejo como ela poderia ter tempo de brigar com você por causa de um pingo de lama no seu rosto com toda essa sujeira no tapete. – Miranda olhou para William Evans, que soltou um grito de guerra e se lançou no sofá. Ela contraiu os lábios para reprimir um sorriso. – E na mobília também.

– Ainda assim, acho melhor eu ir dar um jeito – disse Livvy, e saiu.

Perto da porta, Miranda passou alguns minutos acompanhando a comoção, satisfeita com o papel de observadora que sempre reservava para si, até que, com o canto dos olhos, notou que alguém se aproximava.

– Miranda, o que você trouxe de presente para Olivia?

Miranda se virou para encarar Fiona Bennet, muito bem arrumada em um vestido branco com faixa rosa.

– Um livro – respondeu ela. – Olivia gosta de ler. E você, o que trouxe?

Fiona mostrou uma caixa colorida amarrada com um barbante prateado.

– Uma coleção de fitas. Seda, cetim e até veludo. Quer ver?

– Ah, mas não quero estragar o embrulho.

Fiona deu de ombros.

– É só desamarrar o barbante com bastante cuidado. Faça isso todo Natal – disse, desatando a amarra e abrindo a caixa.

Miranda perdeu o fôlego. Havia no mínimo duas dúzias de fitas acomodadas no veludo preto da caixa, todas amarradas em forma de belos laços.

– Fiona, são lindas! Posso pegar uma delas?

Fiona estreitou os olhos com desconfiança.

– Não estou com as mãos sujas. – Miranda estendeu as mãos para que a outra menina as inspecionasse. – Viu?

– Ah, está bem.

Miranda pegou uma fita lilás. O cetim era pecaminoso de tão suave e macio. Toda coquete, ela levou o laço aos cabelos.

– O que acha?

Fiona revirou os olhos.

– Lilás não, Miranda. Todo mundo sabe que essa cor só serve para cabelos louros. O tom quase desaparece no castanho. *Você* definitivamente não deveria usar.

Miranda devolveu a fita.

– E que cor fica bem com cabelos castanhos? Verde? Minha mãe tem cabelos castanhos e eu já a vi usando laços dessa cor.

– Até que verde é aceitável. Mas acho que também fica melhor em cabelos louros. Tudo fica melhor em cabelos louros.

Miranda sentiu uma faísca de indignação se acender dentro dela e disparou:

– Bom, então eu não sei como você vai lidar com isso, Fiona, porque seu cabelo é tão castanho quanto o meu.

Ofendida, Fiona recuou.

– Não é, não!

– É, sim!

– Não é, não!

Miranda inclinou-se para a frente, estreitando os olhos de maneira ameaçadora.

– Acho bom você dar uma bela olhada no espelho assim que chegar em casa, Fiona, porque o seu cabelo não é *nada* louro.

Fiona devolveu a fita lilás para a caixa e fechou a tampa com força.

– Bem, pelo menos o meu já foi louro, enquanto o seu sempre foi isso aí. Além disso, meu cabelo é castanho-claro, e todo mundo sabe que castanho-claro é muito melhor do que castanho-escuro. Tipo o seu.

– Não há nada errado com cabelo castanho-escuro! – protestou Miranda.

Mas ela já sabia que a maior parte da Inglaterra discordava disso.

– Além do mais – acrescentou Fiona, maliciosamente –, você tem lábios grossos!

Na mesma hora, Miranda levou a mão à boca. Sabia que não era uma beldade. Sabia que não podia sequer ser chamada de bonitinha. Mas jamais tinha visto nada errado com sua boca. Ergueu os olhos para a outra garota, que tinha um sorriso triunfante no rosto, e gritou:

– Pior você, que tem sardas!

Fiona recuou como se tivesse levado um tapa.

– Sardas somem. As minhas vão sumir antes de eu completar 18 anos. Minha mãe passa suco de limão toda noite. – Ela fungou de forma desdenhosa. – Mas o seu caso, Miranda, não tem remédio. Você é feia.

– Não é, não! – exclamou uma terceira voz.

Ambas as meninas se viraram e deram de cara com Olivia, que voltava do toalete.

– Ah, Olivia – disse Fiona. – Sei que você é amiga da Miranda porque ela mora muito perto de você, e porque fazem aulas juntas, mas você tem que admitir que ela não é muito bonita. Minha mãe diz que ela nunca vai arrumar um marido.

Os olhos azuis de Olivia brilharam de forma ameaçadora. A única filha do conde de Rudland sempre fora extremamente leal, e Miranda era sua melhor amiga.

– Miranda vai encontrar um marido muito melhor do que o seu, Fiona Bennet! O pai dela é baronete, e o seu não tem título algum.

– Ser filha de baronete não faz a menor diferença se ela não é bonita nem rica – recitou Fiona, repetindo algo que haveria de ter escutado várias vezes em casa. – Que é o caso da Miranda.

– Cale a boca, sua chata! – exclamou Olivia, batendo o pé no chão. – Você está na minha festa de aniversário, e se não consegue ser agradável com os outros, é melhor ir embora!

Fiona engoliu em seco. Sabia muito bem que não deveria se indispor com Olivia, filha de integrantes da mais alta nobreza naquela região.

– Desculpe, Olivia – murmurou ela.

– Não é a mim que você deve desculpas. É à Miranda.

– Desculpe, Miranda.

Miranda ficou em silêncio até que Olivia, enfim, deu um chutinho nela.

– Desculpas aceitas – disse ela, de má vontade.

Fiona assentiu e saiu correndo.

– Nem acredito que você chamou Fiona de chata – comentou Miranda.

– Miranda, você tem que aprender a se defender.

– Eu estava me defendendo muito bem antes de você aparecer, Livvy. A diferença é que eu não estava me defendendo tão alto quanto você.

Olivia suspirou.

– Mamãe sempre diz que eu não tenho um pingão de bom senso e autocontrole.

– Não tem, mesmo – concordou Miranda.

– Miranda!

– Mas é verdade. E eu amo você assim mesmo.

– Eu também amo você, Miranda. Não se preocupe com a chata da Fiona. Quando você crescer, pode se casar com o Winston, e aí nós seremos irmãs de verdade.

Descrente, Miranda olhou para o outro lado do salão e viu Winston. Ele estava puxando o cabelo de uma garotinha.

– Não sei, não... – disse ela, hesitante. – Não sei se vou querer me casar com Winston.

– Não fale bobagem. Seria perfeito. Além do mais, veja só, ele acabou de derrubar ponche no vestido da Fiona.

Miranda não conteve um sorriso.

– Venha comigo – chamou Olivia, tomando a mão da amiga. – Quero abrir meus presentes. Prometo que vou dar o grito mais alto de todos quando abrir o seu.

As duas meninas voltaram ao salão e Olivia e Winston foram abrir os presentes. Graças aos céus (pelo menos na opinião de lady Rudland), terminaram às quatro em ponto, a hora em que as crianças deveriam voltar para casa. Nenhuma delas foi buscada por criados; um convite para ir a Haverbreaks era considerado uma honra e nenhum dos pais perderia a oportunidade de socializar com o conde e a condessa. Nenhum dos pais, exceto os de Miranda. Às cinco da tarde, ela ainda estava na sala de estar, avaliando o butim de aniversário junto com Olivia.

– Onde será que estão seus pais, Miranda? – perguntou lady Rudland.

– Ah, eu sei muito bem – respondeu Miranda, alegremente. – Mamãe está na Escócia, foi visitar a mãe dela. E papai, por sua vez, certamente se esqueceu de mim. Ele costuma se esquecer de mim, sabe?, quando está trabalhando em um manuscrito. Ele traduz do grego.

– Eu sei – disse lady Rudland sorrindo.

– Grego *antigo*.

– Eu sei – repetiu lady Rudland com um suspiro. Não era a primeira vez que sir Rupert Cheever se esquecia da filha. – Bem, temos que dar um jeito de levar você para casa.

– Eu vou com ela – sugeriu Olivia.

– Você e Winston têm que guardar os brinquedos novos e escrever seus bilhetes de agradecimento. Se não fizerem isso ainda hoje, logo vão esquecer quem deu o quê.

– Mas a senhora não pode mandar um criado levar Miranda para casa, mamãe. Ela não vai ter com quem conversar.

– Eu posso conversar com o criado – disse Miranda. – Em casa eu sempre converso.

– Com os nossos você não conseguiria – sussurrou Olivia. – Eles são todos engomados e só me olham com desaprovação.

– Na maior parte do tempo, você faz por merecer – interferiu lady Rudland, dando uma palmadinha afetuosa na cabeça da filha. – Farei melhor, Miranda. Por que não pedimos ao Nigel que leve você em casa?

– Nigel! – exclamou Olivia, com a voz esganiçada. – Miranda, sua sortuda.

Miranda ergueu as sobrancelhas. Ainda não conhecera o irmão mais velho de Olivia.

– Pois bem – disse ela, lentamente. – Será um prazer conhecê-lo enfim. Você fala tanto dele, Olivia.

Lady Rudland pediu que uma criada fosse chamá-lo.

– Miranda, você ainda não o conhece? Que estranho. Bem, na verdade, até que faz sentido. Ele só vem para casa no Natal e você sempre passa as festas na Escócia. Eu tive que ameaçar deserdá-lo para que ele viesse para o aniversário dos gêmeos. E ainda assim ele se recusou a participar da festa, com medo de que uma das mães viesse tentar casá-lo com uma fedelha de 10 anos.

– Nigel tem 19 anos e é um ótimo partido – declarou Olivia. – É visconde, e é muito bonito. Ele é igualzinho a mim.

– Olivia! – repreendeu lady Rudland.

– Ora, mas é verdade, mamãe. Se eu fosse um garoto, também seria muito bonito.

– Você já é bonita sendo menina, Livvy. – Apesar de sua lealdade à amiga, Miranda olhou com uma pontinha de inveja para os cabelos louros dela.

– Você também é. Olhe, pode escolher uma das fitas que a Fiona me deu. Eu não preciso de tantas.

Miranda sorriu. Olivia era mesmo uma ótima amiga. Ela olhou para os laços e, com certa perversidade, escolheu o de cetim lilás.

– Obrigada, Livvy. Vou usar a fita na segunda-feira mesmo, para a nossa aula.

– Mãe, a senhora mandou me chamar?

Ao som daquela voz grave, Miranda olhou para a porta e quase perdeu o fôlego. Lá estava a criatura mais esplêndida em que ela já pusera os olhos. Olivia dissera que Nigel tinha 19 anos, mas Miranda reconheceu na mesma hora o homem que ele já era. Os ombros maravilhosos eram largos e o restante do corpo era esbelto e firme. Os cabelos eram mais escuros que os de Olivia, mas ainda tinham reflexos dourados, queimados de sol, sinal de

que passava muito tempo ao ar livre. Mas Miranda decidiu na mesma hora que o melhor nele eram os olhos muito, muito azuis, como os de Olivia. Ele também dava aquelas piscadinhas maliciosas.

Miranda sorriu. A mãe dela sempre dizia que dava para saber como uma pessoa era pelos olhos, e o irmão de Olivia tinha olhos fantásticos.

– Nigel, você nos faria a gentileza de acompanhar Miranda de volta para casa? – perguntou lady Rudland. – Parece que o pai dela ficou preso em algum outro compromisso.

Miranda ficou se perguntando por que ele se encolhera quando ela dissera o nome dele.

– É claro, mãe. E você, Olivia, se divertiu na festa?

– Foi espetacular.

– Onde está Winston?

Olivia deu de ombros.

– Em algum lugar por aí, brincando com o sabre que ganhou do Billy Evans.

– Não um sabre de verdade, espero.

– Se for, que Deus nos ajude – acrescentou lady Rudland. – Certo, Miranda, hora de levá-la para casa. Creio que sua capa esteja no cômodo ao lado.

Ela saiu e voltou poucos segundos depois, trazendo o casaco marrom e prático da menina.

– Vamos, então, Miranda? – A criatura celestial estendeu a mão para ela.

Miranda vestiu o casaco com pressa e deu a mão a ele. Estava no paraíso!

– Até segunda-feira! – gritou Olivia. – E esqueça aquilo que a Fiona disse. Ela não passa de uma chata.

– Olivia!

– Ora, mamãe, é verdade. Não quero mais que ela venha aqui em casa.

Miranda sorriu ao se deixar conduzir pelo irmão de Olivia. Atravessando o corredor, foram se afastando das vozes de lady Rudland e da filha.

– Muito obrigada por me levar em casa, Nigel – disse ela, baixinho.

Ele estremeceu outra vez.

– Eu... me desculpe – disse ela prontamente. – Eu não deveria chamá-lo pelo primeiro nome, não é? Mas é que Olivia e Winston sempre se referem ao senhor desta forma e...

Ela encarou o chão, derrotada. Não fazia nem dois minutos que estava na gloriosa companhia dele e já havia estragado tudo.

Ele parou e se abaixou para ficar com o rosto na altura do dela.

– Não precisa se preocupar com essas formalidades, Miranda. Vou lhe contar um segredo.

Miranda arregalou os olhos, esquecendo-se até mesmo de respirar.

– Eu detesto o meu nome de batismo.

– Não acho que isso seja segredo, Nig... quer dizer, senhor. Ou qualquer outra forma por que prefira ser chamado. Dá para ver que se encolhe toda vez que sua mãe diz seu nome.

Ele sorriu. Ao ver aquela menininha de expressão muito séria brincando com sua irmã indomável, o coração dele se enterneceu um pouco. Miranda era uma criaturinha de aparência peculiar, mas havia um quê de amável naqueles olhos castanhos imensos e expressivos.

– Como se chama, então? – perguntou Miranda.

Ele sorriu diante da franqueza dela.

– Turner.

Por um momento, ele chegou a pensar que Miranda não diria nada, já que apenas ficou ali parada, imóvel a não ser pelo piscar dos olhos. E então, como se tivesse, enfim, chegado a uma conclusão, ela disse:

– É um belo nome. Um pouco peculiar, mas eu gosto.

– Muito melhor do que Nigel, não acha?

Miranda concordou, e então perguntou:

– Foi o senhor quem escolheu? Sempre achei que as pessoas deveriam poder escolher o próprio nome. Acho que a maioria acabaria preferindo algo diferente do nome que lhe foi dado.

– E que nome a senhorita escolheria?

– Não sei ao certo, mas sei que não seria Miranda. Algum nome menos exótico, acho. As pessoas esperam alguém diferente quando pensam em Miranda, e quase sempre ficam desapontadas ao me conhecer.

– Que absurdo! – exclamou Turner. – Você é uma Miranda perfeita.

Ela ficou radiante.

– Obrigada, Turner. Posso chamá-lo assim?

– É claro. Mas, na verdade, eu não escolhi o nome. É o meu título. Visconde de Turner. Desde que fui para Eton tenho usado esse nome em vez do meu nome de batismo, Nigel.

– Ah. Combina com o senhor.

– Obrigado – disse ele, compenetrado, encantado por aquela criança séria. – Agora me acompanhe, por favor, e vamos seguir o nosso rumo.

Ele estendeu a mão esquerda para ela. Na mesma hora, Miranda passou a fita da mão direita para a esquerda.

– O que é isso?

– Isso? Ah, é uma fita. Fiona Bennet deu duas dúzias de laços de fita para Olivia, e Olivia me deu uma delas de presente.

Turner estreitou os olhos bem de leve ao se lembrar das últimas palavras de Olivia antes que eles partissem. “Esqueça aquilo que a Fiona disse.” Ele tomou a fita da mão da menina.

– Creio que lugar de laço é nos cabelos, não?

– Ah, mas é que esse não combina com o meu vestido... – O protesto de Miranda foi fraco. Ele já estava prendendo o laço nos cabelos dela. – Como ficou? – sussurrou ela.

– Espetacular.

– Mesmo? – Os olhos dela se abriram ainda mais, com ceticismo.

– Mesmo. Sempre achei que lilás combinasse muito bem com cabelos castanhos.

Miranda se apaixonou na hora. O sentimento foi tão intenso que ela até se esqueceu de agradecer o elogio.

– Vamos? – disse ele.

Ela assentiu sem dizer nada, com medo de a voz falhar.

Foram na direção do estábulo.

– Acho que seria bom se fôssemos cavalgando – falou Turner. – Está um dia bonito demais para irmos de carruagem.

Miranda assentiu outra vez. Estava mesmo um calor atípico para março.

– Pode ir com o pônei da Olivia. Sei que ela não vai se incomodar.

– A Livvy não tem um pônei. – Miranda conseguiu enfim controlar a voz o suficiente para falar. – Agora ela já tem uma égua. Eu também, em casa. Nós não somos mais crianças, sabe?

Turner reprimiu um sorriso.

– De fato, estou vendo que não. Tolice minha. Não estava pensando direito.

Alguns minutos depois, com os cavalos selados, partiram para a cavalgada de quinze minutos até o lar dos Cheevers. Miranda passou o primeiro minuto calada, feliz demais para estragar aquele momento de alegria com palavras.

– A senhorita se divertiu na festa? – perguntou Turner, enfim.

– Ah, sim. Na maior parte do tempo foi muito agradável.

– Na maior parte do tempo?

Ele notou que ela se encolheu. Ficou claro que tinha falado demais.

– Bem... – continuou ela, devagar, mordendo o lábio antes de prosseguir: – Uma das garotas me disse coisas um tanto desagradáveis.

– Não diga...

Turner sabia que não deveria parecer curioso demais. E claramente estava certo, porque a menina logo soltou o verbo e em seu discurso lembrava um pouco Olivia, encarando-o com aqueles olhos sinceros.

– Foi a Fiona Bennet – disse, com ares de reprovação –, e Olivia a chamou de chata, e devo dizer que não lamentei nem um pouco.

Turner manteve a expressão séria, como era apropriado.

– Eu também não lamento, isto é, considerando-se que Fiona a tratou mal.

– Eu sei muito bem que não sou bonita – despejou Miranda –, mas isso não é coisa que se diga a uma pessoa. É falta de educação, além de ser uma grande maldade.

Turner passou um bom tempo olhando para ela, sem saber ao certo como consolar a garotinha. Era verdade, Miranda não era bonita. Se tentasse convencê-la do contrário, sabia que ela não acreditaria nele. Mas ela não era feia. Só era um tanto... estranha.

Contudo, ele foi salvo de ter que responder quando a própria Miranda comentou:

– Acho que é o cabelo castanho.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Não é nada sofisticado – explicou Miranda. – Assim como olhos castanhos. E eu sou magricela demais, e meu rosto é comprido demais, e eu sou pálida demais.

– Bem, tudo isso é verdade – concordou Turner.

Miranda voltou-se para ele, com uma fisionomia alarmada e melancólica.

– A senhorita tem mesmo cabelos e olhos castanhos. Não há por que negar. – Ele inclinou o rosto para o lado, fingindo fazer uma inspeção completa. – É mesmo bem magrinha, seu rosto é mesmo um pouco comprido. E não dá para negar que seja pálida.

Os lábios dela estremeeceram, e Turner não conseguiu continuar provocando a menina. Ele abriu um sorriso e disse:

– Acontece que eu, pessoalmente, gosto mais de mulheres de olhos e cabelos castanhos.

– Não acredito!

– É verdade. Desde sempre. E também gosto mais das magras e pálidas.

Miranda olhou para ele desconfiada.

– E o que acha de rostos compridos?

– Bem, devo admitir que nunca prestei muita atenção nessa característica, mas definitivamente não tenho nada *contra* rostos compridos.

– Fiona Bennet disse que eu tenho lábios grossos – contou ela, quase em tom de desafio.

Turner reprimiu um sorriso e Miranda suspirou longamente.

– Nunca reparei que eu tinha lábios grossos.

– Não são tão grossos assim.

Ela o olhou de esguelha, resabiada.

– O senhor só está dizendo isso para que eu me sinta melhor.

– Quero mesmo que se sinta melhor, mas não foi por isso. E da próxima vez que Fiona Bennet disser que a senhorita tem lábios grossos, pode dizer que ela está errada. O que tem são lábios carnudos.

– Qual é a diferença? – Ela o encarou pacientemente, com seriedade nos olhos escuros.

Turner respirou fundo.

– Bem – disse ele, tentando ganhar tempo. – Lábios grossos são... pouco atraentes. Já lábios carnudos...

– Ah. – Miranda pareceu satisfeita com isso. – Fiona tem lábios finos.

– Lábios carnudos são muito, muito melhores do que lábios finos – afirmou Turner. Ele gostava daquela garotinha peculiar e queria fazer com que ela se sentisse melhor.

– Por quê?

Turner enviou um pedido silencioso de desculpas aos deuses da etiqueta e da decência ao responder:

– Os carnudos são melhores de beijar.

– Ah. – Miranda enrubesceu, e então sorriu. – Ótimo.

Turner ficou muito satisfeito consigo mesmo.

– Sabe o que eu acho, Srta. Miranda Cheever?

– O quê?

– Acho que logo, logo, a senhorita vai crescer e aparecer.

Turner se arrependeu no mesmo instante. Sem dúvida, ela iria perguntar o que ele queria dizer com aquilo, e ele não fazia ideia de como res-

ponder. Precoce, Miranda apenas inclinou a cabeça para o lado enquanto ponderava o teor das palavras.

– Suponho que esteja certo – disse ela, enfim. – É só olhar para as minhas pernas.

Turner disfarçou uma risadinha com uma discreta tossida.

– Como assim?

– Bem, são longas demais. Mamãe sempre diz que minhas pernas começam nos *ombros*.

– Bem, para mim elas começam no quadril mesmo, como em todo mundo. Miranda deu uma risadinha.

– Eu estava falando no sentido figurado, é claro.

Turner piscou, atônito. Era mesmo um vocabulário impressionante para uma menina de 10 anos.

– O que eu quis dizer – prosseguiu ela – foi que minhas pernas são desproporcionais em relação ao resto do corpo. Acho que é por isso que não consigo aprender a dançar. Vivo pisando no dedão da Olivia.

– Da *Olivia*?

– Praticamos juntas – explicou Miranda, sem dar mais detalhes. – Acho que se o resto do meu corpo crescer para acompanhar as pernas, talvez eu deixe de ser tão desastrada, e quem sabe eu pare de me sentir tão envergonhada o tempo todo. Aí acho que o senhor terá razão. Preciso mesmo crescer e aparecer.

– Esplêndido – disse Turner, feliz ao perceber que, por sorte, ele conseguira dizer a coisa certa na hora certa. – Bem, acho que chegamos.

Miranda ergueu os olhos para seu lar, uma casa de pedra cinzenta. Ficava às margens de um dos muitos córregos que conectavam os lagos da região, e era preciso cruzar uma pequena ponte de paralelepípedos para chegar à porta da frente.

– Muito obrigada por me trazer em casa, Turner. Prometo nunca mais chamá-lo de Nigel.

– Promete também que vai dar um beliscão na Olivia se ela me chamar de Nigel?

Miranda deu uma risadinha, levando a mão à boca. Assentiu.

Turner apeou e voltou-se para a menininha, pronto para ajudá-la a descer.

– Permite que eu dê um conselho, Miranda? – perguntou ele, de repente.

– Qual?

– Acho que deveria começar a escrever um diário.

Ela piscou, surpresa.

– Por quê? Quem iria querer ler?

– Ninguém, oras! A senhorita escreveria o diário para si mesma. E talvez um dia, depois da sua morte, seus netos possam ler para saber como era a avó deles quando jovem.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– E se eu nunca tiver netos?

Em um impulso, ele esticou a mão e despenteou os cabelos dela.

– A senhorita faz perguntas demais, boneca.

– Mas e se eu nunca tiver netos?

Meu Deus, que persistente...

– Talvez fique famosa – suspirou ele. – E aí, na escola, as crianças que estudarem a sua vida poderão querer saber mais.

Miranda lançou a ele um olhar cético.

– Ora, está bem. Quer saber o *verdadeiro* motivo para que eu ache que deve escrever um diário?

Ela assentiu.

– Porque um dia a senhorita vai crescer e aparecer, e será tão bonita quanto já é inteligente. E então poderá reler o diário e perceber como Fiona Bennet e as meninas do tipo dela são bobas. Garanto que vai morrer de rir ao se lembrar de como sua mãe dizia que suas pernas começavam nos ombros. E talvez ainda reste um pequeno sorriso para dedicar a mim quando se lembrar deste dia e desta nossa conversa agradável.

Miranda o encarou, pensando que ele devia ser um daqueles deuses gregos sobre os quais o pai dela vivia lendo.

– Sabe o que eu acho? – sussurrou ela. – Acho que Olivia é muito sortuda de ter o senhor como irmão.

– E eu acho que ela é muito sortuda de ter a senhorita como amiga.

Os lábios dela estremeeceram.

– Vou dedicar um sorriso *enorme* ao senhor – sussurrou ela.

Ele fez uma mesura graciosa, beijando as costas da mão dela como teria feito com a dama mais linda de Londres.

– Acho bom, boneca.

Ele sorriu e fez um cumprimento com a cabeça, depois montou e partiu, guiando a égua de Olivia. Miranda ficou observando o irmão da amiga sumir no horizonte, e assim permaneceu por mais uns bons dez minutos.



Mais tarde naquela mesma noite, Miranda foi ao escritório do pai. Ele estava debruçado sobre o texto, alheio à cera da vela que se derramava na mesa.

– Papai, quantas vezes tenho que lembrar o senhor de prestar atenção nas velas?

Ela suspirou e pôs a vela no lugar apropriado.

– O quê? Ah, céus!

– E o senhor precisa de mais de uma. Está escuro demais para ler.

– Está? Nem percebi. – Ele piscou e então estreitou os olhos. – Já não passou da sua hora de ir dormir?

– A babá disse que posso ir dormir meia hora mais tarde hoje.

– É mesmo? Bem, se ela falou, está falado.

Ele voltou a se concentrar no manuscrito, efetivamente dispensando a filha.

– Papai?

Ele suspirou.

– O que foi, Miranda?

– Por acaso o senhor tem um caderno sobrando? Um desses que usa para traduzir, mas antes de passar a limpo a versão final?

– Acho que sim. – Ele abriu a última gaveta da escrivaninha e procurou.

– Aqui está. Mas para que você precisa de um caderno? Este aqui é de alta qualidade, sabia? Não é nada barato.

– Vou escrever um diário.

– É mesmo? Ora, suponho que seja um hábito muito válido – elogiou ele, entregando o caderno a Miranda.

A menina ficou radiante.

– Obrigada. Eu aviso o senhor quando terminar este e precisar de outro.

– Muito bem. Boa noite, querida – disse ele, antes de voltar aos escritos.

Abraçada ao caderno, Miranda subiu as escadas correndo e voltou ao quarto. Pegou um tinteiro e uma pena, e abriu o caderno na primeira folha. Escreveu a data e, depois de ponderar com bastante cuidado, escreveu uma única frase. Sentia que não precisava dizer mais nada.

2 de março de 1810

Hoje eu me apaixonei.

Capítulo um

Nigel Bevelstoke, mais conhecido como Turner entre todos que queriam agradá-lo, sabia muitas coisas.

Sabia ler em latim e em grego, e sabia seduzir uma mulher em francês e em italiano.

Sabia atirar em um alvo móvel estando no lombo de um cavalo em movimento, e sabia exatamente quantas doses podia beber antes de começar a perder a dignidade.

Era capaz de boxear ou esgrimir contra um mestre, tudo isso enquanto recitava Shakespeare ou Donne.

Em suma, sabia tudo que um cavalheiro deveria saber e, sob todos os aspectos, só acumulava triunfos em cada área.

As pessoas sempre o observavam.

As pessoas sempre o admiravam.

Mas nada, nem um segundo de sua vida proeminente e privilegiada, o preparara para aquele momento. E ele nunca sentira o peso de um olhar como naquele momento – o momento em que dava um passo à frente e despejava um monte de terra sobre o caixão da esposa.

“Sinto muito”, repetiam as pessoas. “*Sinto muito*. Sentimos muito.”

E o tempo todo Turner ficava se perguntando se Deus iria castigá-lo, porque tudo o que conseguia pensar era...

Eu não sinto.

Ah, Leticia... Tinha muito a agradecer a ela.

Vejam, por onde começar? Primeiro, é claro, a perda da reputação dele. Só o diabo sabia quantas pessoas estavam cientes de que ele fora traído.

Diversas vezes.

Depois, a perda da inocência. Ele mal lembrava, mas houve um tempo em que dera um voto de confiança à humanidade. Turner costumava

acreditar no melhor das pessoas; acreditar que, se as tratasse com honra e respeito, receberia a mesma deferência.

E, por fim, a perda de sua alma.

Porque, ao dar um passo para trás, cruzando as mãos com força às costas enquanto ouvia o padre devolver à terra o corpo de Leticia, Turner não conseguia deixar de pensar em como ansiara por aquele momento, como desejara se livrar dela.

Tampouco iria guardar luto – não *estava* de luto por ela.

– É uma lástima – sussurrou alguém atrás dele.

Turner trincou o maxilar. Não era uma lástima. Era uma farsa. E agora ele teria que passar um ano inteiro vestindo preto por uma mulher que viera até ele com o filho de outro homem no ventre. Ela o enfeitiçara, o provocara a ponto de ele não conseguir pensar em nada além de possuí-la. Ela tinha dito que o amava, sorrindo com doçura, inocência e alegria quando Turner jurou sua devoção e prometeu a alma a ela.

Ela era tudo que ele sempre sonhara.

Até se transformar em seu maior pesadelo.

Leticia perdera o bebê, o motivo por trás do casamento deles. Era fruto da relação com um conde italiano, ou pelo menos foi isso que ela alegou. Mas o tal conde era casado, ou inadequado, ou talvez as duas coisas. Turner estava disposto a perdoá-la; todos cometiam erros, e ele próprio não havia desejado possuí-la antes da noite de núpcias?

Mas não era amor que Leticia queria. Ele não sabia o que diabo ela desejava – poder, talvez, a inebriante satisfação de saber que mais um homem caíra em suas garras, enfeitiçado.

Turner se perguntava se era isso que ela sentira quando ele se rendeu aos encantos dela. Ou talvez fosse só alívio. Quando se casaram, Leticia já estava com três meses de gestação. Não havia tempo a perder.

E agora ali estava ela. Ou melhor, lá embaixo. Turner não sabia muito bem qual advérbio de lugar seria mais apropriado para situar um corpo sem vida que acabara de ser enterrado.

Não importava. Mas Turner lamentava muito saber que ela passaria a eternidade no solo *dele*, repousando em meio a todos os Bevelstokes de outrora. A lápide daquela mulher ostentaria o nome dele e, em cem anos, alguém olharia os entalhes no granito e pensaria que ali devia jazer uma dama, lamentando-se pela tragédia de sua morte tão precoce.

Turner se virou para o padre. Era um sujeito jovem, novo na paróquia e inexperiente na vida, ainda acreditando ser capaz de transformar o mundo em um lugar melhor.

– Do pó ao pó – disse o padre, erguendo o olhar para o homem que devia ser o viúvo desconsolado.

Ah, sim, pensou Turner com amargura. *Acho que sou eu.*

– Do pó ao pó.

Atrás dele, alguém chegou a fungar.

E o padre, com os olhos azuis cheios de uma compaixão absurdamente deslocada, continuou falando...

– Na certeza e na esperança da Ressurreição...

Ó, céus.

– ... para a vida eterna.

O padre olhou para Turner e nitidamente se encolheu. Turner ficou se perguntando o que ele teria visto em seu rosto. Nada de bom, isso estava claro.

Ouviu-se um coro de “Amém”, e então estava terminada a cerimônia. Todos olharam do padre para Turner e de novo para o padre, quando este tomou a mão do viúvo e disse:

– Deixará saudades.

Turner não se conteve e emendou:

– Não para mim.



Não acredito que ele disse isso.



Miranda releu as palavras que tinha acabado de escrever. Estavam na página 42 de seu 13º diário, mas essa era a primeira vez – a primeira vez desde aquele dia fatídico, nove anos antes – que ela não fazia ideia do que escrever. Mesmo quando seus dias eram entediante (o que não era raro), ela conseguia encontrar alguma coisa digna de registro.

Em um dia de maio, quando tinha 14 anos...

*Acordei.
Fui me vestir.
Tomei café: torrada, ovos, bacon.
Li “Razão e sensibilidade”, de autoria de uma mulher desconhecida.
Guardei “Razão e sensibilidade” fora das vistas do papai.
Almocei: frango, pão, queijo.
Estudei conjugação verbal em francês.
Escrevi uma carta para minha avó.
Jantei: bife, sopa, pudim.
Li mais “Razão e sensibilidade”, de autoria ainda desconhecida.
Voltei aos meus aposentos.
Dormi.
Sonhei com ele.*

Não confundir com o relato do dia 12 de novembro do mesmo ano...

*Acordei.
Tomei café: ovos, torrada, presunto.
Fiz questão de mostrar que estava lendo uma tragédia grega. Não adiantou muito.
Passei a maior parte do tempo na janela com o olhar perdido.
Almocei: peixe, pão, ervilhas.
Estudei conjugação verbal em latim.
Escrevi uma carta para minha avó.
Jantei: carne assada, batatas, pudim.
Levei a tragédia grega para a mesa (o livro, não o evento). Meu pai nem reparou.
Voltei aos meus aposentos.
Dormi.
Sonhei com ele.*

Mas agora – agora que algo imenso e marcante havia de fato acontecido (para variar), ela não tinha nada a escrever além de...

Não acredito que ele disse isso.

– Bem, Miranda – murmurou ela, olhando a tinta seca na ponta da pena –, parece que seus diários não vão lhe trazer fama.

– O que disse?

Miranda fechou o diário na mesma hora. Não havia reparado que Olivia tinha acabado de entrar.

– Nada – respondeu Miranda imediatamente.

Olivia atravessou o quarto e se atirou na cama.

– Que dia horrível!

Miranda concordou, virando-se na cadeira a fim de olhar para a amiga.

– Ainda bem que você estava aqui – disse Olivia, suspirando. – Obrigada por ter passado a noite aqui em casa.

– Imagine – respondeu Miranda.

Olivia dissera que precisava dela, de modo que não houvera nem o que pensar.

– O que está escrevendo?

Miranda baixou os olhos e percebeu, só naquele instante, que suas mãos ocultavam a capa do caderno, tentando escondê-lo.

– Nada – respondeu.

Olivia estava olhando para o teto, mas, ao ouvir aquilo, voltou-se para a amiga na mesma hora.

– É mentira.

– Infelizmente, não é.

– Por que “infelizmente”?

Miranda piscou, atônita. Típico de Olivia fazer as perguntas mais óbvias – e que levavam às respostas menos óbvias.

– Bem...

Não que Miranda estivesse enrolando para ganhar tempo. Na verdade, enquanto falava, ia tentando compreender melhor o que sentia. Tirou as mãos de cima do caderno e olhou para a capa, como se, em um passe de mágica, a resposta fosse aparecer ali.

– Isto é tudo o que eu tenho. Tudo o que sou.

Olivia parecia um tanto incrédula.

– É um caderno.

– É a minha vida.

– E depois as pessoas ainda dizem que *eu* sou dramática... – comentou Olivia.

– Ora, não estou dizendo que isto é a minha vida *de fato* – retorquiu Miranda, com certa impaciência –, mas tudo a respeito da minha vida está aqui dentro. Tudo. Eu escrevo *tudo* aqui. Desde que tinha 10 anos.

– Tudo mesmo?

Miranda pensou nos muitos dias nos quais obedientemente registrara o que havia comido, e só.

– Tudo.

– Eu nunca conseguiria escrever um diário.

– Realmente...

Olivia rolou para o lado, apoiando a cabeça na mão.

– Não precisava ter concordado com tanta rapidez.

Miranda apenas sorriu. Olivia voltou a se deitar de costas.

– Imagino que você vá escrever que a minha capacidade de concentração é limitada.

– Já escrevi.

Silêncio. E então:

– Sério?

– Se não me engano, escrevi que você fica entediada com facilidade.

– Bem – respondeu a amiga após uma curtíssima reflexão –, isso é verdade.

Miranda olhou para a escrivainha. A vela emitia centelhas de luz sobre o mata-borrão, e de repente ela se sentiu muito cansada. Cansada, mas, infelizmente, sem sono.

Desgastada, talvez. Inquieta.

– Estou exausta – declarou Olivia, escorregando para o chão.

A criada deixara as roupas de dormir de Olivia em cima da cama, e Miranda, respeitosamente, olhou para o outro lado quando a amiga começou a se trocar.

– Quanto tempo acha que Turner vai passar aqui? – perguntou Miranda, tentando não se atrapalhar.

Odiava se dar conta de que ainda vivia desesperada para vê-lo, ainda que por um ínfimo momento, mas já fazia anos que era assim. Até no dia do casamento de Turner, sentada no banco da igreja, não conseguira tirar os olhos dele, mesmo tendo que encará-lo com os olhos grudados na noiva, irradiando todo o amor e devoção que ardiam no próprio coração...

Ainda o observava. Ainda o amava. Ela o amaria para todo o sempre. Ele era o homem que a fizera acreditar em si mesma. Turner não tinha a menor ideia do que fizera com ela – do que *causara* nela – e talvez nunca viesse a ter. Mas Miranda ainda o desejava. E provavelmente o desejaria para sempre.

Olivia deitou-se na cama.

– Ainda vai ficar acordada por muito tempo? – perguntou ela, já com a voz grogue de sono.

– Não, vou dormir em breve – respondeu Miranda.

Olivia não conseguia dormir enquanto houvesse uma vela acesa. Miranda não via muito sentido nisso, uma vez que a claridade da lareira não a incomodava nem um pouco, mas já vira com os próprios olhos a amiga se revirar na cama sem conseguir pegar no sono por causa da vela. Então, quando percebeu que a própria mente estava longe de se aquietar e que “em breve” não tinha sido exatamente a verdade, apagou a vela.

– Vou lá para fora terminar de escrever – disse ela, com o diário embaixo do braço.

– Obrigadzzz... – murmurou Olivia.

Foi só o tempo de Miranda vestir um penhoar e chegar à porta, e a amiga já havia adormecido.

Miranda prendeu o diário embaixo do queixo, deixando as mãos livres para amarrar a faixa na cintura. Estava habituada a pernoitar em Haverbreaks, mas ainda assim não era apropriado perambular pelos corredores da casa de outrem só de camisola.

A noite estava escura e a única fonte de iluminação era o luar que entrava pelas janelas, mas Miranda teria conseguido sair do quarto de Olivia e chegar à biblioteca mesmo se estivesse de olhos fechados. A amiga sempre pegava no sono antes – segundo ela mesma dizia, por causa dos muitos pensamentos que agitavam sua mente –, de modo que Miranda tinha o costume de ir para outro cômodo para registrar suas reflexões no diário. Miranda poderia muito bem solicitar um aposento só para si, mas a mãe de Olivia não era afeita a extravagâncias e não via motivo para mandar aquecer dois quartos quando apenas um dava conta do recado.

Miranda não se incomodava. Na verdade, gostava da companhia. Sua própria casa andava silenciosa demais. Sua amada mãe falecera havia quase um ano e Miranda ficara sozinha com o pai. Enlutado, ele se entregara de

corpo e alma aos preciosos manuscritos, deixando a filha sozinha. Miranda buscara amor e amizade entre os Bevelstokes, e eles a receberam de braços abertos. Em respeito à memória de lady Cheever, Olivia chegou a passar três meses trajando preto.

– Se um dos meus primos morresse, eu seria forçada a guardar luto da mesma forma – dissera Olivia no velório. – E eu com certeza amava a sua mãe mais do que amo qualquer um dos meus primos.

– Olivia! – Miranda estava comovida, mas, ainda assim, pensou que o certo seria se mostrar chocada.

Olivia revirou os olhos.

– Até parece que você não conhece os meus primos.

E então Miranda riu. No velório da própria mãe, Miranda deu uma risada. Depois, viria a perceber que aquele fora o melhor presente que a amiga poderia ter lhe dado.

– Eu amo você, Livvy – disse ela.

Olivia pegou a mão da amiga.

– Eu sei – disse ela, baixinho. – E eu amo você. – Então ela endireitou os ombros e assumiu a postura ereta de sempre. – Se não fosse por você, eu seria uma pessoa incorrigível. Minha mãe vive dizendo que você é o único motivo pelo qual eu ainda não cometi alguma ofensa imperdoável.

Miranda imaginava que era por isso que lady Rudland se oferecera para amadrinhá-la durante uma temporada em Londres. Ao receber o convite, o pai dela suspirara aliviado e desembolsara, sem demora, a quantia necessária. Sir Rupert Cheever não era um homem de grandes fortunas, mas tinha o suficiente para cobrir uma temporada em Londres para sua única filha. O que lhe faltava era a paciência – ou, falando francamente, o interesse em assumir a responsabilidade de levá-la.

O *début* das duas jovens, no entanto, acabou sendo adiado por um ano. Miranda não podia ir enquanto estivesse de luto pela mãe, e lady Rudland decidira permitir que Olivia também esperasse. Dezenove era tão bom quanto 18, dissera ela. E tinha razão; todos achavam que Olivia conseguiria um partido excelente. Certamente seria um sucesso, com sua beleza estonteante, sua personalidade vivaz – e, como a própria Olivia observava em tom mordaz, seu vultoso dote.

Mas a morte de Leticia, além de trágica, também ocorrera em um momento muito inoportuno, porque agora havia mais um período de luto a

ser guardado. Contudo, lady Rudland decidiu, de forma categórica, que seis semanas seriam o suficiente, já que ela e Leticia não eram irmãs de sangue.

Mas não havia outro jeito. A temporada começaria com um pequeno atraso para elas.

No fundo, isso deixava Miranda feliz. Ela ficava aterrorizada só de pensar em um baile londrino. Não por timidez, porque não se considerava tímida, mas por não ser muito afeita a multidões e por achar muito desagradável a ideia de estar entre tantas pessoas que ficariam observando-a e julgando-a o tempo todo.

Não há como evitar, pensou ela, enquanto descia as escadas. Em todo caso, seria muito pior ficar presa em Ambleside sem a companhia de Olivia.

Miranda se deteve ao pé da escada, tentando decidir para onde ir. A sala de estar da ala oeste tinha uma escrivaninha melhor, mas a biblioteca costumava ser mais quente, e estava um tanto frio naquela noite. Por outro lado...

Hum... o que era aquilo?

Ela inclinou o corpo para o lado, espiando o fim do corredor. Alguém estava com a lareira acesa no escritório de lord Rudland. Miranda não imaginou que alguém ainda pudesse estar perambulando pela casa; os Bevelstokes sempre se recolhiam cedo.

Ela seguiu a passos silenciosos sobre a passadeira até chegar à porta aberta.

– Ah! – foi tudo o que ela disse.

Sentado na poltrona do pai, Turner ergueu o rosto.

– Srta. Miranda – disse ele com a fala arrastada, sem a menor alteração em sua postura relaxada. – *Quelle surprise*.



Turner não sabia ao certo por que *não* estava surpreso ao ver a Srta. Miranda Cheever ali, parada à porta do escritório de seu pai. Quando ouviu passos no corredor, algo lhe disse que eram dela. Era verdade que todos de sua família tinham sono pesado, e era quase inconcebível que alguém ainda estivesse de pé, perambulando pelos corredores para fazer uma boquinha ou arrumar algo para ler.

Mas o que o levara à conclusão de que os passos seriam de Miranda ia além de um mero processo de eliminação. Era uma pessoa observadora, aquela garota, sempre atenta a tudo com seus imensos olhos de coruja. Ele não se lembrava do momento exato em que tinham sido apresentados – provavelmente ela ainda usava fraldas. Na verdade, Miranda era uma presença constante; de alguma maneira estava *sempre* por lá, mesmo em momentos como aquele, quando deveria haver apenas a família por perto.

– Já estou de saída – disse ela.

– Não, não – retrucou ele, porque... Por quê?

Porque estava com vontade de aprontar?

Porque tinha bebido demais?

Porque não queria ficar sozinho?

– Fique – pediu ele, acenando com o braço de forma expansiva. Tinha que haver algum lugar onde ela pudesse se sentar. – Beba comigo.

Ela arregalou os olhos.

– Uau! Não sabia que era possível que eles ficassem ainda maiores – murmurou ele.

– Não posso beber – disse ela.

– Não pode?

– Não *devo* – corrigiu ela, franzindo a testa.

Ótimo, tinha conseguido irritá-la. Era bom saber que ele ainda conseguia provocar uma mulher, mesmo uma moça tão inexperiente quanto Miranda.

– A senhorita já está aqui – declarou ele, dando de ombros. – Por que não tomamos um conhaque?

Miranda ficou imóvel por um momento, e Turner teve a impressão de ouvir o cérebro dela trabalhando. Por fim, ela deixou o livreto na mesinha ao lado da porta e entrou no escritório.

– Só uma dose – disse ela.

Ele sorriu.

– Porque a senhorita conhece bem o seu limite?

Ela o encarou.

– Porque eu *não* conheço bem o meu limite.

– Muita sabedoria para uma moça tão jovem – murmurou ele.

– Tenho 19 anos.

A resposta não foi em tom desafiador, era apenas uma constatação.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Então, como eu ia dizendo...

– Quando o senhor tinha 19 anos...

Ele abriu um sorriso sarcástico ao perceber que ela havia deixado a frase inacabada.

– Quando eu tinha 19 anos – ele repetiu as palavras dela, entregando-lhe uma dose generosa de conhaque –, eu era um idiota.

Ele olhou para a dose que preparara para si mesmo, tão grande quanto a de Miranda. Bebeu tudo de um só gole, longo e satisfatório.

Turner colocou o copo na mesa com um ruído alto e se recostou na poltrona, levando as mãos à nuca e repousando a cabeça nas mãos entrelaçadas.

– Assim como são todos os jovens de 19 anos, eu diria – acrescentou ele, observando-a. Miranda nem tocara na bebida. Ainda estava de pé. – Isto é, excluindo, ao que tudo indica, a presente companhia – corrigiu ele.

– Achei que conhaque se servisse numa taça – disse ela.

Turner observou Miranda indo cuidadosamente em direção ao assento. Não era bem ao lado dele, mas também não era do outro lado do cômodo. Ela o olhava fixamente, e Turner não pôde deixar de se perguntar o que ela estaria achando que ele poderia fazer. Dar um bote?

– Conhaque – anunciou ele, como se tivesse uma plateia muito maior – deve ser servido no que estiver à mão. Neste caso...

Ele pegou o copo que, na verdade, era para uísque e analisou sua estrutura, observando a luz das chamas que dançavam no vidro. Nem se deu o trabalho de terminar a frase. Não parecia necessário e, além disso, ele já estava ocupado demais servindo outra dose para si.

– Saúde! – exclamou, bebendo de novo a dose inteira de uma golada só.

Miranda, por sua vez, continuava ali sentada, observando-o. Ele não sabia ao certo se ela o desaprovava; sua expressão era insondável. Mas ele queria que ela dissesse alguma coisa. Na verdade, qualquer coisa, até continuar um papo furado sobre copos e taças bastaria para distrair a mente de Turner. Ele queria esquecer que ainda eram onze e meia e que faltavam, assim, mais trinta minutos até que pudesse declarar que aquele dia maldito tinha chegado ao fim.

– Então, Srta. Miranda, o que achou da cerimônia? – perguntou ele, desafiando-a com o olhar a dizer algo além das banalidades de sempre.

Viu a surpresa no rosto da jovem: a primeira emoção que conseguira discernir com clareza até então.

– Está falando do velório?

– Foi a única cerimônia do dia – retrucou ele, com considerável vivacidade.

– Foi... hã... interessante.

– Ah, Srta. Cheever, por favor. Sei que pode fazer melhor do que isso.

Ela mordeu o lábio inferior. Ele se lembrou de que Leticia também costumava fazer isso. Na época em que ainda fingia ser uma moça inocente. O que teve fim no instante em que a aliança entrou no dedo dela.

Ele serviu mais uma dose.

– O senhor não acha...

– *Não* – respondeu ele, enfático.

Não existia no mundo conhaque suficiente para uma noite como aquela.

E então ela estendeu a mão, pegou o copo e bebeu.

– Achei que o senhor foi esplêndido.

Maldição. Ele tossiu e engasgou, como se o inocente ali fosse ele, tomando o primeiro gole de conhaque da vida.

– O que disse?

Ela deu um sorriso plácido.

– Convém beber o conhaque em goles menores.

Ele só a encarou.

– É raro ouvir alguém falando dos mortos de forma honesta – disse ela.

– Não sei se foi a ocasião mais apropriada, mas... bem... ela não era uma pessoa muito boa, não é mesmo?

Miranda parecia tão serena, tão inocente, mas o olhar dela... era afiado.

– Ora, ora, Srta. Cheever – murmurou ele –, é impressão minha ou a senhorita tem um quê de vingativa?

Ela deu de ombros e bebeu mais um gole; um golinho, notou ele.

– De forma alguma – respondeu ela, embora ele não acreditasse nem um pouco –, mas sou bastante observadora.

Ele deu uma risadinha.

– De fato.

Ela se retesou.

– Perdão?

Tinha incomodado a jovem outra vez. Não sabia por que isso o deixava tão satisfeito, mas não pôde reprimir certo contentamento. E fazia muito

tempo desde a última vez que algo, qualquer coisa, o deixara contente. Ele se inclinou um pouco mais, só para ver se conseguiria deixá-la desconfortável.

– Eu tenho observado a senhorita.

Mesmo à meia-luz da lareira, Turner viu que Miranda ficou pálida.

– E sabe o que eu notei? – instigou ele.

Ela ficou boquiaberta e balançou a cabeça.

– Que a *senhorita* tem me observado.

Ela se levantou e quase derrubou a cadeira com o movimento repentino.

– É melhor eu ir – disse ela, abruptamente. – Esta situação é muito inapropriada, está tarde e...

– Ora, Srta. Cheever, deixe disso. – Ele se levantou. – Não precisa se preocupar. A senhorita observa todo mundo. Acha que eu não percebo?

Ele esticou o braço, pegando a mão dela. Ela congelou, mas não se virou.

Turner apertou. Só um pouco. Só o suficiente para impedir que ela fosse embora, porque não queria isso. Não queria ficar sozinho. Ainda faltavam vinte minutos, e ele queria fazer com que ela sentisse raiva, tanta raiva quanto ele sentia – tanta raiva quanto ele sentira durante todos aqueles anos.

– Diga-me, Srta. Cheever – sussurrou ele, levando dois dedos ao queixo dela. – A senhorita já foi beijada?

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

editoraarqueiro.com.br

